

## Háthor

Marcia Severina Vasques<sup>1</sup>

É difícil pensar o feminino no Egito Antigo sem fazer referência à deusa Háthor. Divindade complexa, de variadas funções e atributos, a deusa estava presente na cultura egípcia desde, pelo menos, o período Pré-dinástico. Como princípio da fertilidade, sexualidade e maternidade estava intrinsecamente ligada à ideia de vida e, por extensão, à vida após a morte. Mesclava-se com outras divindades femininas como Nut, Ísis e Sekhmet, mas nunca deixou de ser singular e a ter culto próprio. Comumente considerada como a deusa do amor e das mulheres foi, por isso, associada pelos gregos a Afrodite.

Os egípcios não tinham um termo para “religião” e nem possuíam um livro sagrado ou canônico a ser seguido. Sua religião normalmente é rotulada de politeísta, embora haja egiptólogos que defendam o seu caráter henoteísta<sup>2</sup> como sendo predominante. Lidamos com cultos que foram justapostos, com mitos que podem ter narrativas antagônicas, mas que nunca foram excluídos e sim somados. A diversidade de deuses e de narrativas míticas era uma característica dos egípcios e, também, demonstra a riqueza de seu panteão e de sua concepção de mundo<sup>3</sup>.

O nome Háthor significa literalmente “casa de Hórus”, sendo a deusa a mãe do falcão, cuja morada era o céu. Como a religião egípcia era versátil, a deusa também poderia aparecer como a esposa do deus. Sua função de cura se faz presente no mito que narra a *Contenda entre Hórus e Seth*, quando a deusa é a responsável por curar os olhos feridos de Hórus<sup>4</sup>. Entre eles era celebrado o casamento sagrado quando a estátua da deusa saía em

---

<sup>1</sup> Doutora em Arqueologia. Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de História, CCHLA - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

<sup>2</sup> No henoteísmo cultua-se uma divindade como suprema, sem negar a existência de outras.

<sup>3</sup> Para saber mais a respeito ver Dunand e Zivie-Coche (1991), Hornung (1992), Wilkinson (2003) e Cardoso (1999).

<sup>4</sup> A Contenda narra a disputa entre Hórus e Seth pelo trono do Egito. Em um dos episódios do mito, Seth fura os olhos de Hórus, personificações do sol e da lua. Mais informações em Hart (1992), Campagno (2004) e Lichtheim (2006).

procissão de seu templo em Dendera e se encontrava com o esposo no seu templo de Edfu, cerca de 70 km de distância, onde permanecia por quatorze dias.

Como uma divindade celeste, Háthor era associada às águas do céu e aparece como personificação da Via Láctea. Mas a sua forma mais conhecida era a de uma vaca, podendo ser representada antropomórfica com chifres e disco solar sobre a cabeça, como uma figura do animal mesmo ou tendo corpo humano e cabeça de vaca. A associação de Háthor com a vaca provavelmente era bem antiga. Bat, uma divindade bovina de destaque no final do período Pré-dinástico, provavelmente teve influência na constituição histórica da figura de Háthor<sup>5</sup>. O nome Bat significa “espírito feminino” ou “poder feminino”, termo que designa bem as características hathorianas e deveria estar associada ao aspecto celeste da deusa vaca.

A associação das divindades com algum animal, vegetal ou mineral se relacionava com a função e o atributo específico valorizado no elemento, que pensava-se possuir uma característica divina e não indicava a suposta aparência real da divindade. Os egípcios estavam completamente conectados à natureza, às plantas, aos animais, à observação do céu e do ciclo das cheias do Nilo. A associação dos deuses com os animais é antiga e remonta ao período pré-histórico. Muitos dos animais destacados, como o touro e a vaca, tinham contato com os homens desde a sua domesticação pelas comunidades neolíticas por volta de 10.000 a.C. Os egípcios viam em alguns animais que valorizavam manifestações dos deuses na terra. No entanto, os deuses não se reduziam ao animal em si, pois não tinham uma forma específica e se manifestavam de diversas maneiras.

Háthor, no seu aspecto solar, poderia ser considerada filha ou esposa de Rê, o deus Sol. No mito do “Olho de Rê”<sup>6</sup> a deusa, que o personifica, é enviada por Rê para castigar a humanidade, que tinha se revoltado contra o demiurgo. Como Olho de Rê a deusa se

---

<sup>5</sup> Graves-Brown (2010, p. 14-17) acha difícil estabelecer elos entre o culto de Bat e àquele de Háthor pela distância temporal entre o Período Pré-dinástico (c. 5000 a.C.) e o início do dinástico (c. 3000 a.C.). Para a autora, o risco desta interpretação está em querer considerar a existência de uma “Grande Deusa Mãe” no Egito Antigo, associada à presença em épocas pré-históricas, de figurinhas que representam mulheres (ou divindades) comumente avaliadas como símbolos de fertilidade. E uma abordagem geral deste tipo não leva em consideração o contexto local. No Egito faraônico, por exemplo, os homens eram considerados essenciais à reprodução e várias divindades masculinas estavam associadas à fertilidade como Osíris e Min.

<sup>6</sup> O “Mito do Cataclismo”, também chamado de “Mito da destruição da humanidade”, encontra-se no tratado de encantamentos mágicos conhecido como o “Livro da Vaca Divina” ou “Livro da Vaca do Céu”. Ver George Hart (1992, p. 17); Erick Hornung (1999, p. 148-151) e Miriam Lichtheim (2006, p. 5386).

assimila ao *uraeus* (a cobra) que protege a frente do faraó e queima os seus inimigos<sup>7</sup>. Mas é no aspecto de uma divindade felina, assimilada à deusa Sekhmet, que Háthor se manifesta no mito. Conta a lenda que, cansado da humanidade que ele próprio havia criado, Rê decide destruí-la. Seu Olho, personificado na sua filha transformada em leoa, é enviado nesta missão. Háthor ataca os homens e sua sede de sangue é infinita. Quando a situação já estava caótica, com grande parte da humanidade destruída, Rê se arrependeu. No entanto, a leoa ensandecida não obedecia a mais ninguém. Aproveitando-se do descanso noturno da deusa, Rê chamou os seus mensageiros e pediu que eles fabricassem cerveja e misturassem na bebida óxido de ferro, que a deixou com uma coloração avermelhada, semelhante ao sangue. As jarras com o líquido foram levadas até onde dormia a leoa e a região foi inundada pela grande quantidade de bebida<sup>8</sup>. Quando acordou, a leoa se precipitou para a bebida pensando ser sangue. Embriagada, a deusa não conseguiu retomar a destruição da humanidade e, desta forma, foi apaziguada sendo identificada, então, a deusa Bastet, a gata, forma pacífica da leoa Sekhmet<sup>9</sup>.

Uma variante tardia deste mito, presente em inscrições de templos do período greco-romano e conhecida como o *Mito da Deusa Distante*. Roberts, (1992, p. 12), conta como a deusa vagava nos desertos da Núbia, longe do Egito, destruindo os seus inimigos e bebendo o seu sangue. Rê precisava ter o seu Olho de volta e enviou, para apaziguar a deusa enfurecida, dois deuses, Thot e Shu, na forma de macacos. Eles conseguem convencê-la com canções e danças, prometendo a ela sacrifícios de animais, festividades e bebida. Quando chegam ao Egito, Thot mergulha a deusa nas águas do Abaton, perto da ilha de Biga, a fim de esfriar o seu coração. A partir do Período Tardio (c. 712 a.C.) acreditava-se que a fonte do Nilo ficava numa caverna escura, sob a ilha. Após este procedimento, a deusa voltou ao seu estado original.

Um outro aspecto de Háthor, como deusa das profecias, provavelmente relaciona-se com a sua ligação com o tempo, enquanto deusa solar conectada à eternidade cíclica.

---

<sup>7</sup> Roberts (1997) discute a função de Háthor como a serpente (*uraeus*) que representa o olho de Rê e que também protege a frente do faraó.

<sup>8</sup> Háthor, assim como Ísis, era associada à Sóthis, a estrela Sirius, cujo despontar no horizonte marcava o início do ano egípcio e coincidia com o fenômeno da inundação. As águas do Nilo, misturadas à terra de aluvião proveniente da cheia, ficavam, então, avermelhadas, assimiladas ao sangue e à cor da bebida alcoólica produzida para embriagar a deusa.

<sup>9</sup> Assim como o par Sekhmet-Bastet, divindades felinas, o aspecto terrível e benfazejo da deusa era simbolizado pelas deusas serpentes Naseret e Mehenet, respectivamente. A primeira enquanto serpente *uraeus* destrói e queima os inimigos de Rê. Já Mehenet é o mesmo *uraeus*, na sua função protetora, e também está associada à deusa Renenutet, das colheitas e da alimentação (PREYS, 2002, p. 514-518).

No conto do *Príncipe Predestinado*, Háthor prediz o futuro da criança anunciando a sua maldição (LICHTHEIM, 2006, p. 5471)<sup>10</sup>. Mas suas funções eram múltiplas. A deusa, talvez pelo seu caráter “distante” do mito, era também vinculada às terras estrangeiras aparecendo em associação com as atividades comerciais e com a extração de minério. Era patrona das áreas de mineração, caso das minas de turquesa, cobre e malaquita da região do Sinai. Era chamada de “Senhora da Turquesa” e também “Senhora da Faiança”. Outro elemento da natureza associado à deusa era a árvore do sicômoro. Por isso, a deusa poderia ser denominada de “Senhora do Sicômoro”, função que compartilhava com outras divindades maternais como Nut e Ísis. Uma representação comum era a de um sicômoro com seio amamentando o rei na forma de uma criança. Háthor, como mãe do faraó, personificava também a sua relação maternal em relação a Hórus. Ao mesmo tempo, aparece como a sua esposa, o que explica, talvez, o fato de a rainha (mas também as mulheres em geral) ser identificada a Háthor.

O sacerdócio no Egito era tipicamente masculino, sendo difícil estabelecer exatamente qual era a função das mulheres, sobretudo musicistas e dançarinas, presentes nos cultos. No Antigo Império (c. 2575-2134 a.C.) e durante o Primeiro Período Intermediário (c. 2134-2040 a.C.) o poder feminino era maior no Egito, sobretudo das mulheres da realeza. Nessa época, podemos considerar a existência de sacerdotisas pelos títulos de algumas das mulheres, chamadas de “servas do deus”. Muitas delas, que compunham o círculo da corte, tinham o título de “Ornamento do Rei”, o que indica que as sacerdotisas de Háthor pertenciam a um círculo de mulheres restrito à corte. Mas poucas destas aparecessem tocando instrumentos musicais e parecem não ter sido, pelo menos na sua maioria, musicistas e dançarinas, figuras comumente identificadas com a deusa.

No Antigo Império as mulheres poderiam ter cargos administrativos associados à função religiosa, mas não tinham o mesmo *status* que os homens. Eram sempre esses que faziam a toalete do deus, no ritual de purificação da estátua feita toda manhã. Talvez a restrição ao sacerdócio feminino advenha do fato de as mulheres serem consideradas impuras, provavelmente em decorrência da menstruação e da gravidez. Uma outra interpretação considera que a burocracia estatal cresceu a partir do Médio Império (c. 2040

---

<sup>10</sup> Também aparece desdobrada em sete (“As sete Háthor”) no *Conto dos dois irmãos* (GRANDET, p. 2005, p. 103).

a.C.) e o papel das mulheres foi sendo substituído por aquele dos escribas profissionais (GRAVES-BROWN, 2010, p. 25-28).

Apesar desse decréscimo da presença das mulheres como sacerdotisas, no Novo Império algumas mulheres da elite tebana recebiam o título de “cantora”, associado a funções propriamente dos templos, onde cantavam nas cerimônias portando o sistro<sup>11</sup> e o colar *menat*<sup>12</sup>, atributos hathóricos. As cantoras aparecem em rituais de diversas divindades e em festivais como a festa *Sed*<sup>13</sup> e a *Bela Festa do Vale*<sup>14</sup>. Algumas são retratadas carecas, como os sacerdotes masculinos. Elas exerciam um serviço rotativo, trabalhando um mês em cada quatro, com um supervisor para cada grupo. A partir do Terceiro Período Intermediário (c. 1070 a.C.) aparecem sob a direção da Esposa de Âmon<sup>15</sup>, cargo sacerdotal normalmente exercido pelas princesas reais (GRAVES-BROWN, 2010, p. 91).

Um dos mais conhecidos (e divulgados) atributos da deusa era ser a senhora da música, da dança, dos banquetes, festividades e da bebida. Como tudo no Egito, a vida cotidiana estava imbuída de sacralidade e a presença do divino era reivindicada como proteção. Em um dos episódios que narra sobre a criação do mundo o deus demiurgo, Atum-Rê, se encontrava sozinho e se masturbou para dar início à criação. A sua mão, então, foi considerada pelos egípcios como sendo uma deusa, Djerite, chamada “A Mão Divina”, com quem Háthor se identifica. As mãos do criador estariam associadas ao sistro

---

<sup>11</sup> O sistro, instrumento musical de percussão, uma espécie de chocalho, representava a própria deusa. Era constituído por cabo e parte superior formada por um arco com pequenos címbalos de metal, que tinham ao chacoalhar, som que servia para chamar a deusa. Existiam dois tipos de sistro, o sistro-naos e o sistrolaço ou em fita. O primeiro tinha a sua extremidade, a partir do Médio Império (c. 2040-1640 a.C.), decorada com a cabeça da deusa, representada com orelhas de vaca, peruca e colar, que sustenta o arco em formato de naos (templo ou pórtico de pilono). Já o segundo modelo, que surgiu a partir da XVIII Dinastia (Novo Império, c. 1550-1070 a.C.), não possui o naos e acima da cabeça de Háthor o arco formava um tipo de laço ou fita, lembrando a forma do *ankh*, sinal hieroglífico da vida, que aparece nas mãos dos deuses. Para mais informações ver Antônio Brancaglioni Jr. (2013).

<sup>12</sup> O colar *menat* era outro atributo hathórico. As contas do colar eram feitas de turquesa e tinham, em uma das extremidades, um contrapeso. Teria uma função apotropaica semelhante à do sistro.

<sup>13</sup> A Festa *Sed* ou Festa do Jubileu acontecia após trinta anos de reinado do faraó, quando, então, se procedia a uma nova coroação num ritual de regeneração e renovação das forças do rei.

<sup>14</sup> Neste festival ocorria uma procissão, na qual as estátuas dos deuses que compunham a tríade tebana, Âmon, Mut e Khonsu, saíam de Karnak e se dirigiam para Deir el-Bahari, em visita aos templos mortuários da margem ocidental do Nilo.

<sup>15</sup> A primeira referência à esse título aparece no início do Novo Império em um cargo exercido por Ahmés Nefertari, esposa de Ahmose I (1550-1525 a.C.). Mais tarde, este título se confundiu com aquele de “Divina Adoradora de Âmon”. A “Esposa do Deus” exercia a função de consorte do deus nas cerimônias religiosas. A partir de Ramessés VI (1143-1136 a.C.) o cargo passou a ser eminentemente político, exercido por princesas reais, que deveriam permanecer virgens e adotar a filha do próximo rei como sucessora (SHAW; NICHOLSON, 1995, p. 113).

(BRANCAGLION, 2013, p. 21). A sexualidade era concebida, pelos egípcios, como intrinsecamente ligada à reprodução e à vida, princípio regenerador. Em um outro episódio mítico, este da *Contenda entre Hórus e Seth*, Rê, que presidia a assembleia, se aborreceu e se retirou da companhia dos deuses. Háthor, então, tentou reanimá-lo. Ela ergue as vestes e mostra a Rê a sua vulva, provocando o riso no deus (HART, 1992, p. 3435). A sexualidade e o sexo eram vistos de forma positiva no Egito. Háthor, enquanto princípio feminino, era chamada de a “Senhora da Vulva”.

A alegria levada pelo som do instrumento, pela música e pela dança tinha a função de revitalização e de expulsar o mal. Nos rituais da realeza a música e a dança tinham uma função sacra. Na tumba de Kheruef, o mordomo-chefe da rainha Tiye, esposa de Amenhotep III (1391-1353 a.C.), há representação das cenas das performances dos dançarinos e dançarinas durante a Festa *Sed* do faraó e, em uma inscrição, se diz que o próprio faraó toca para a deusa (ROBERTS, 1997, p. 29). Mas são nas cenas de banquete das tumbas privadas da área tebana que podemos analisar melhor as festividades cotidianas egípcias, embora o elemento religioso também esteja presente, já que trata-se de banquetes funerários.

Na capela da tumba de Nebamun<sup>16</sup>, por exemplo, vemos os convivas do banquete com vestes de linho, perucas sobre a cabeça, cones de perfume e flores de lótus. As mulheres tocam instrumentos musicais e batem palmas no ritmo da música enquanto outras estão servindo ou dançando. Estas últimas estão nuas e usam apenas um cinturão de conchas, associado ao órgão sexual feminino. Todos esses elementos de encanto e beleza, assim como a bebida, a música e a dança, indicam a presença da deusa, embora ela não esteja retratada diretamente. Tanto a cabeleira quanto a peruca eram atributos de sedução. No *Conto dos Dois Irmãos*<sup>17</sup> a mulher de Anup tenta seduzir o cunhado, Bata, enquanto trança os cabelos. E o convite para um encontro amoroso normalmente fazia referência à peruca: “Vem, vamo-nos deitar uma hora. Põe a tua peruca” (ARAÚJO, L., 2000, p. 75).

Como deusa da beleza e da sedução também os espelhos estavam relacionados à Háthor. Muitos espelhos egípcios possuíam algum atributo relacionado à deusa como o

---

<sup>16</sup> Nebamun teria vivido por volta de 1350 a.C., durante a XVIII Dinastia. Para maiores detalhes ver Richard Parkinson (2009).

<sup>17</sup> Para mais informações ver Emanuel Araújo (2000) e Miriam Lichtheim (2006).

cabo com a cabeça hathórica. A chamada “máscara de Háthor” era a representação frontal da face da deusa com as orelhas de vaca. Teria uma função apotropaica de espantar o mal, semelhante à do sistro. Mulheres segurando espelhos de bronze aparecem na iconografia do chamado Papiro satírico-erótico de Turim. De complexa interpretação, o papiro mostra cenas com relações sexuais entre jovens mulheres nuas e homens mais velhos, no que alguns egiptólogos consideravam como sendo um bordel. Mas, atualmente, predomina a ideia de que era um papiro que satirizava alguns elementos da sociedade egípcia, principalmente pela interpretação de sua outra parte, formada por figuras de animais desempenhando atividades humanas, onde o sentido humorístico é mais evidente<sup>18</sup>.

Diferentemente da figura da mulher adulta, o gênero da adolescente sexualizada era corrente na iconografia egípcia. Enquanto existia uma limitação clara entre a infância e a idade adulta no Egito, como podemos verificar por atributos como a mecha lateral da infância portada pelas crianças, a idade para ser considerada adulta, para as meninas, deveria ser quando da menarca, por volta dos 12 anos de idade. A beleza feminina aparece diretamente associada à figura da adolescente, retratada nas cenas de tumbas, em cabos de espelhos, dançando, tocando alaúdes ou nadando como no caso de cabos de colheres usadas em rituais.

As adolescentes nuas das cenas de banquete e também presentes em óstracos e outros tipos de artefatos, dançando e tocando instrumentos musicais, foram comumente associadas à prostituição. No entanto, praticamente não temos informações sobre como era a prostituição no Egito antes da época greco-romana. A referência textual a intercursos sexuais não indica, necessariamente, que se trata de prostituição. Considerar dançarinas e musicistas como prostitutas pode ser uma interpretação moderna, retrospectiva de sociedades atuais para o Egito Antigo (GRAVES-BROWN, 2010, p. 8182). Talvez a interpretação venha também do fato de muitas dessas mulheres serem consideradas como servas, possuindo *status* inferior às outras mulheres representadas nas tumbas, que aparecem sentadas, sendo servidas, muitas vezes acompanhadas pelos maridos.

É comum que figuras de musicistas e dançarinas sejam retratadas tatuadas com a imagem de Bés<sup>19</sup>, uma divindade menor, associada à Háthor, protetor das crianças e das

---

<sup>18</sup> Para mais informações ver Luís Manoel de Araújo (2000), Karol Myśliwiec (2004) e Carolyn GravesBrown (2010).

<sup>19</sup> Deus anão retratado com orelhas, juba e rabo de leão, com uma proeminente língua saindo para fora da boca, que tinha função protetora de espantar o mal. Era comum a sua representação com plumas na

mulheres grávidas, portanto, estreitamente identificado à ideia de fertilidade. Não sabemos exatamente se era uma tatuagem, pois a imagem poderia ser simplesmente pintada ou ser feita por meio de escarificação. Algumas poucas múmias femininas foram encontradas tatuadas. Estas datam do Médio Império e foram encontradas em Deir elBahari, área tebana. Os enterramentos estavam próximos àqueles destinados às “esposas do rei”. Portanto, considera-se que fossem mulheres do harém real. A decoração da tatuagem era formada por pontos e riscas, numa decoração semelhante à de algumas estatuetas de madeira e faiança da mesma época. Parece que a tatuagem estava associada a mulheres da elite e sacerdotisas de Háthor, tendo a decoração um valor simbólico de fertilidade. Em todo caso, não parece ter sido uma prática muito comum (GRAVESBROWN, 2010, p. 113-119).

Háthor era uma deusa da fertilidade, função em que atuava em conjunto com outras divindades masculinas. Para os egípcios, a concepção era dada pelo homem, sendo a mulher o receptáculo utilizado para gerar as crianças. Nas oferendas depositadas para Háthor foram encontrados ex-votos, que espelham o desejo por filhos, uma boa gravidez e sucesso no parto. Os artefatos encontrados são, sobretudo, figurinhas femininas de fertilidade, feitas de barro ou faiança, outrora chamadas de “concubinas do morto”, por serem encontradas depositadas em tumbas. Estas figuras femininas aparecem também em contexto de culto doméstico e parecem estar mais associadas ao nascimento e, no caso das encontradas em tumbas, ao re(nascimento) do morto. Nos santuários de Háthor também foram encontrados falos de madeira, rocha ou cerâmica, símbolo tipicamente masculino de fertilidade.

Além desse sentido de fertilidade, Háthor era a deusa do amor e da paixão, estando presente nos poemas amorosos que datam da XIX e XX Dinastia, encontrados, em sua maioria, na vila de Deir el-Medina, onde habitavam os artesãos construtores das tumbas do Vale dos Reis. Para se elogiar a amada comparava-se a mulher à própria deusa, cuja carne era de ouro, os ossos de prata e os cabelos de lápis-lazúli. Sua beleza vinha ressaltada em seus epítetos “A Única” e “A Dourada”, resplandecente pelos raios do Sol, em cuja barca navegava, em seu trajeto diurno pelo céu.



cabeça, facas nas mãos ou tocando instrumentos musicais como o tamborim. Associado ao nascimento, era protetor da família.

Nos poemas de amor a mulher amada é comparada a Háthor, símbolo de beleza e sedução (ARAÚJO, E., 2000, p. 304)<sup>20</sup>:

Começo dos poemas da grande felicidade do coração

Primeiro poema

Ó, única, irmã<sup>21</sup> sem igual, de  
todas a mais bela!

Ela é como a estrela da manhã ao nascer no começo de um ditoso ano<sup>22</sup>. Brilha radiosa e sua pele resplandece, sedutor é o fitar de seu olhar, doce a palavra de seus lábios, seu falar é (sempre) contido<sup>23</sup>. Longo é o seu pescoço, brilhantes são seus mamilos, seu cabelo é de verdadeiro lápis-lazúli, mais belo que ouro são os seus braços e seus dedos como lotos a desabrocharem De coxas duras e cintura fina, as pernas proclamam sua perfeição. Gracioso é seu porte ao andar no chão, cativa meu coração (só) ao mover-se. Ela faz todo homem virar o rosto para (melhor) contemplá-la. Feliz aquele que ela abraça, torna-se o primeiro dos homens! Ao sair de sua casa ela é como a outra Única<sup>24</sup>.

Eram inúmeros os atributos e funções de Háthor. Para encerrar, citamos mais um elemento, o da deusa em sua função funerária. No *Livro dos Mortos*, texto diametralmente

---

<sup>20</sup> Papiro Chester Beatty I, Novo Império, XX Dinastia (c. 1196-1070 a.C.).

<sup>21</sup> Era comum no Egito Antigo que os amantes se chamassem de irmão e irmã.

<sup>22</sup> A estrela Sirius, em egípcio Sopdet (e Sóthis, em grego), cujo nascer no horizonte coincidia com a cheia do Nilo, marcando o início do ano egípcio.

<sup>23</sup> As normas éticas de comportamento eram pautadas pelo comedimento. Falar pouco e o essencial era valorizado.

diferente dos poemas amorosos, Háthor aparece como benfeitora dos mortos, sendo a fertilidade associada à vida e ao triunfo sobre a morte. Desde a XVIII Dinastia Háthor era protetora da necrópole tebana, agindo na forma de uma vaca ou como a “Senhora do Ocidente”, confundindo-se com a deusa Amentet. Mas mesmo no seu aspecto funerário a deusa manteve o seu caráter solar, associado a Rê. No capítulo 186 do *Livro dos Mortos*, cuja vinheta é uma vaca saindo de um monte de papiro, lê-se (BARGUET, 1967, p. 271-273):

Háthor, Senhora do Ocidente,  
Senhora da Terra Sagrada,  
Olho de Rê que está sobre a sua frente,  
Bela de semblante na Barca de Milhões de Anos,  
Lugar de repouso para aquele que pratica a justiça,  
Barca para os seus eleitos, que fez a Grande Barca *nechmet*<sup>25</sup> para  
atravessar o Justo<sup>26</sup>.

Por fim, concluímos que a deusa Háthor estava presente no cotidiano egípcio, na medida em que a música e a dança faziam parte de todos os rituais e cerimônias religiosas, remetendo ao som produzido pela vaca (Háthor) ao caminhar pelos juncos do pântano, emitindo a onomatopeia *sesheshet*, em egípcio (GRAVES-BROWN, 2010, p. 97). O feminino tinha, portanto, um papel de espantar o mal, de afastar o caos, aspecto positivo e benfazejo. Além disso, os egípcios antigos viam uma estreita relação entre sexualidade, fertilidade, nascimento e renascimento, que formavam o ciclo da vida vencendo a morte.

<sup>24</sup> “A Única” é a deusa Háthor. <sup>25</sup>

A barca sagrada de Osíris.

<sup>26</sup> Justo de voz, aquele que disse a verdade e foi aprovado no tribunal de Osíris.

Portanto, poderíamos nos perguntar o porquê de a deusa estar associada a aspectos terríveis, como o da leoa selvagem e outros de regeneração, por meio da sexualidade, da dança e da música. Háthor tinha uma dupla natureza, a destruidora e a benfazeja, simbolizada pelo seu par Sekhmet-Bastet. Ela simbolizava, para os egípcios, a força vital (que pode destruir e regenerar), o elemento que desencadeava a vida, sempre em movimento, seguindo o ciclo solar. Era o poder que movia o desejo, a vontade e força para

viver; o princípio da existência. O Sol feminino, que a cada dia preenchia o céu e a terra de beleza (PREYS, 2002, p. 498).

## Referências

ANTELME, R. S.; ROSSINI, S. (2001). *Sacred Sexuality in Ancient Egypt*. The Erotic Secrets of the Forbidden Papyrus. Rochester: Inner Traditions International.

ARAÚJO, E. (2000). *Escrito para a eternidade: a literatura no Egito faraônico*. Brasília: Ed. UnB.

ARAÚJO, L. M. de. (2000). *Estudos sobre erotismo no Antigo Egito*. Lisboa: Edições Colibri.

BAINES, J.; MÁLEK, J. (1996). *O Mundo Egípcio*. Deuses, Templos e Faraós. Volume I. Madrid: Edições del Prado.

BARGUET, P. (1967). *Le Livre des Morts des Anciens Égyptiens*. Paris: Éditions du CERF.

BRANCAGLION Jr., A. (1999). *O banquete funerário no Egito Antigo - Tebas e Saqqara: tumbas privadas no Novo Império (1570-1293 a.C.)*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2v.

BRANCAGLION Jr., A. (2013). Sistro: mito e música no Egito Antigo. *Phoênix*, Rio de Janeiro, ano 19, v. 19, n. 1, p. 17-26.

CAMPAGNO, M. (2004). *Una lectura de la contenda entre Horus y Seth*. Buenos Aires: Ediciones del Signo.

CARDOSO, C. F. S. (1999). *Deuses, múmias e ziggurats*. Porto Alegre: EDIPUCRS, (Coleção História 27).

DUNAND, F.; ZIVIE-COCHE, Ch. (1991). *Dieux et hommes en Égypte*. 3000 av. J.C.- 395 apr. J. C. Paris: Armand Colin.

FAULKNER, R. (1998). *The Egyptian Book of the Dead*. The Book of Going Forth by Day. San Francisco: Chronicle Books.

GRANDET, P. (2005). *Contes de l'Égypte ancienne*. Paris: Éditions Khéops.

GRAVES-BROWN, C. (2010). *Dancing for Hathor: Women in Ancient Egypt*. London: Continuum.

HART, G. (1992). *Mitos egípcios*. São Paulo: Ed. Moraes.

- HORNUNG, E. (1999). *The Ancient Egyptian Books of the Afterlife*. Ithaca; London: Cornell University Press.
- HORNUNG, E. (1992). *Les dieux de l'Égypte: l'un et le multiple*. Paris: Flammarion.
- LICHTHEIM, M. (2006). *Ancient Egyptian Literature*. Volume II: The New Kingdom. Berkeley; Los Angeles: University of California Press.
- MYSLIWIEC, K. (2004). *Eros on the Nile*. Ithaca: Cornell University Press.
- PARKINSON, R. (2008). *The painted tomb-chapel of Nebamun*. Masterpieces of ancient Egyptian art in the British Museum. London: British Museum Press.
- PREYS, R. (2002). *Les complexes de la Demeure du Sistré et du Trône de Rê*. Théologie et décoration dans le temple d'Hathor à Dendera. Leuven; Paris: Peeters, (*Orientalia Lovaniensia Analecta*, 106).
- ROBERTS, A. (1997). *Hathor Rising: the Power of the Goddess in Ancient Egypt*. Rochester: Inner Traditions International.
- SHAFER, B. E. (org.). (2002). *As religiões no Egito Antigo: deuses, mitos e rituais domésticos*. São Paulo: Nova Alexandria.
- SHAW, I.; NICHOLSON, P. (1995). *The Dictionary of Ancient Egypt*. London: The British Museum Press.
- TYLDESLEY, J. (1995). *Daughters of Isis: Women in Ancient Egypt*. London: Penguin Books.
- WILKINSON, R. (2003). *The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt*. London: Thames & Hudson.